

GILKA MACHADO: ALQUIMISTA DOS SENTIDOS, SACERDOTISA DO CASAMENTO ALQUÍMICO ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

Adrielle Oliveira da Silva¹

Neste panegírico, queremos prestar a nossa homenagem a uma das escritoras brasileiras mais subestimadas de seu tempo – e de todos os tempos, na verdade –, especialmente por ela haver ousado levar uma vida livre, criar os seus dois filhos de maneira igualmente liberta de rótulos e legar para a posteridade alguns de seus textos fundamentalmente eróticos – nos quais a mulher é protagonista, tal como Florbela Espanca o fizera em seu momento, em Portugal, na geração anterior à de nossa poetisa dos sentidos.

Nossa admiração por ela surgiu há alguns anos, quando Gilka Machado foi uma das beletristas analisadas por nós na II Edição do Grupo de Estudos Filhas de Avalon e destacou-se pela abordagem revolucionária que defende que o erotismo é um ato político. E, advinda de um berço mestiço, proletário, feminista e antirracista, sua obra *per se* é um manifesto que não pode ser limitado a uma escola literária específica, visto ser uma síntese de elementos neoparnasianos e neosimbolistas e possuir ares de anunciação modernista.

Além de haver sido a nossa primeira referência quanto à literatura erótica feminina nas letras nacionais, sua postura empoderada e inaugural a fez ser uma referência também quanto ao feminismo, que entre nós começava a despontar na primeira onda. Dedicando-se à Literatura, ela escreveu artigos de reivindicação dos direitos femininos para revistas como *A Faceira* e participou da criação do Partido Republicano Feminino.

Nasceu em 12 de março de 1893, no Rio de Janeiro, e viveu da e pela Arte. Filha de Teresa Cristina Moniz da Costa – atriz de teatro e de radioteatro – e Hortênsio da Gama de Sousa Melo – poeta –, sempre conviveu com artistas de variadas vertentes em casa, uma pensão no centro da cidade e que albergava de circenses a escritores, de compositores a dançarinos. Crescendo rodeada por essas influências e pela presença constante de expoentes da estirpe de Chiquinha Gonzaga, Coelho Neto e Artur Azevedo –, ela teve apoio e incentivo para se expressar artisticamente. Tal liberdade pode ter influenciado a sua relação com o próprio corpo, que carecia dos pudores inerentes às mulheres da época e que as aprisionavam.

Portanto, não é de se estranhar que, escrevendo desde a infância, aos 13 anos de idade, tenha ganho um concurso de poemas em primeiro, segundo e terceiro lugares sob pseudônimos, em um evento patrocinado pelo jornal *A Imprensa*. As pessoas ficaram verdadeiramente

¹ Graduanda do curso de Letras Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Ceará (Uece). Membro Fundadora do Grupo de Estudos Filhas de Avalon. *E-mail*: adrielle.oliveira@aluno.uece.br.

escandalizadas com ela, uma adolescente que, sem usar de seu verdadeiro nome e sendo completamente desconhecida, tenha arrebatado todas as premiações das mãos de célebres poetas e poetisas. A verdade é que ela escrevia com a maestria de uma veterana, a despeito da pouca idade que tinha.

Apesar de intitulada pelos críticos literários a ela contemporâneos como “A Matrona Imoral”, seus poemas não são pornográficos, mas o eram para a época, quando qualquer expressão do desejo feminino um pouco mais livre causava asco – especialmente nos homens. Por isso, a autora foi ojerizada por muitos, mas também admirada por nomes como Olavo Bilac – que se oferecera para prefaciar a sua obra de estreia (*Cristais partidos*, de 1915, uma coletânea de poemas) –, Lima Barreto e Jorge Amado, sendo que este último a indicou para a Academia Brasileira de Letras, quando esta idealizava abrir-se para a presença feminina, mas Gilka recusou o convite pela incompatibilidade de ideais que mantinha com a instituição.

Seus poemas causaram furor por tratarem da libido feminina, em caráter sinestésico e animista, no qual os elementos naturais – como o vento tocando a pele –, muitas vezes são a personificação da pessoa amada, além de uma metáfora da Mulher, o que gesta uma atmosfera pagã em sua obra. Essa ode ao feminino e à Natureza permeia toda a sua produção, assim como a Mãe Terra permeia as canções de Marlui Miranda, ambas pagãs, no sentido em que confluem para as “Filosofias da Terra” que cultuam Eros em sua etimologia como pulsão de vida, honrando a Terra e tudo o que dela provém, como os sentidos, que provocam sensações eróticas.

Apesar da demonização que o patriarcado imprimiu ao termo “erótico”, a poesia de Gilka é tântrica. Tantra é um sistema de elevação a partir da percepção sensorial, ou seja, não busca a evolução por meio de uma neurose acerca da ideia de fuga de uma Matrix, porém, trata esta Mãe Terra como algo com o qual fundir-se, de modo a extrair saberes do âmago terrestre, tal como as mulheres o faziam em uma sociedade pré-patriarcal e sem propriedade privada. Tal aspecto é evidenciado, por exemplo, em *A Revelação dos Perfumes* (1916), obra que instiga a busca pelos princípios da Perfumaria Ancestral e propiciou-nos conhecer a cientista Palmira Margarida, estudiosa dos aromas, que comprova a magia científica dos perfumes sobre a psique humana através do sistema límbico.

Ainda, o erotismo na poesia giliana, em diálogo com a filosofia de Lou Andreas Salomé, é psíquico, pois o erotismo é a veia metafísica do desejo fisiológico, motivo pelo qual não pode ser banalizado e possui teor sublime nos poemas de Machado. Não à toa, Eros, nome que ela deu a sua filha, deus amante da beleza, arte e natureza, faz par com Psiquê, e com esta gera Hedonê, o prazer. Essa abordagem dialoga com as reflexões de Anaïs Nin (também estudada pelo Filhas de Avalon em sua II Edição) acerca do erotismo feminino e que advoga

que o amor e a sensualidade são indissociáveis para as mulheres, pois para estas há a memória do ato sexual como uma espécie de ritual que necessita de poeticidade. Nin o exemplifica tendo por base o *Genji Monogatari*, de Murasaki Shikibu, autora deste que foi o primeiro romance do mundo escrito por uma mulher, no Japão, por volta do ano 1000 d.C. (e a primeira beletrista que estudamos na supracitada edição). A isso acrescentamos os poemas dedicados a Inana feitos por Enheduana, autora dos primeiros poemas conhecidos na História da Humanidade. Tanto Nin quanto Gilka são sucessoras dessa tradição.

Também, o eu lírico gilkeano apresenta um caleidoscópio de aspectos femininos, dos mais telúricos aos mais etéreos, não uma entidade homogênea – de acordo com Darlene Sadlier, estudiosa da poetisa em tela –, unindo o sagrado e o profano e formando uma eco-poética pagã. Assim, o simbolismo anímico erótico seria – além de uma sublimação da culpa social –, uma extensiva ode à Natureza e a Eros em seu sentido original, que produz a experiência orgástica em sua etimologia. Ansiando um uno ancestral, livre, Gilka Machado concilia símbolos opostos e exerce os potenciais da sinestesia com atenta coerência interna no tocante às estruturas e temáticas escolhidas. A partir de seu manifesto feminista, de metafísica corpórea, ela desafiou os “pesados grilhões dos preceitos sociais” e fez de sua poética uma inspiração para mulheres.

Mesmo enfrentando dificuldades para publicar o que escrevia, conseguiu trazer à luz, em vida, algumas de suas obras como, *verbi gratia*: *A Revelação dos Perfumes* (1916), *Estado de Alma* (1917), *Poesias* (1915-1917) - (1918), *Mulher Nua* (1922), *O Grande Amor* (1928), *Carne e Alma* (1931), *Sonetos y poemas de Gilka Machado* (1932, publicado na Bolívia), *Sublimação: o mundo precisa de poesia* (1938, seu *Magnum Opus*), *Meu Rosto* (1947) e *Velha Poesia* (1968). Duas outras são póstumas: *Obras Completas* (organizada por sua filha em 1992) e *Poesia Completa* (organizada por Jamyle Rkain em 2017). Em reconhecimento ao seu trabalho pioneiro, em 1933, Gilka Machado foi eleita a mais importante poetisa do Brasil pela revista literária *O Malho* (Rio de Janeiro), e em 1979, um ano antes de falecer, recebeu o Prêmio Machado de Assis, conferido pela Academia Brasileira de Letras.

Ainda que seu nome não seja tão conhecido nem seu legado tão propagado, seu casal de filhos – Hélios e Eros Volússia – com o poeta Rodolfo de Melo Machado conseguiu bastante notoriedade – especialmente Eros, que se tornou uma referência na dança moderna brasileira. Paulatinamente, porém, o nome de Gilka Machado vem ressurgindo em trabalhos acadêmicos que resgatam a sua história e, principalmente, as suas indelévels contribuições para a nossa literatura e para as lutas das mulheres.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional